XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

A BELA ADORMECIDA

A FADA PLUMINHA

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

A BELA ADORMECIDA
pág. 1

Nem mesmo sete fadinhas com suas varinhas mágicas conseguiram evitar que a velha bruxa enfeitiçasse a linda princesinha que havia acabado de nascer. Ter aquela filha era o maior sonho do rei e da rainha, e eles resolveram fazer uma grande festa para comemorar o nascimento — só que se esqueceram de convidar a feiticeira. A vingança da bruxa atingiu a princesinha quando ela já era moça. A jovem machucou o dedo e foi condenada a dormir durante cem anos. Só acordaria se fosse beijada por um príncipe. No meio de tudo isso, um mundo mágico, cheio de fadas, anões, carruagens de fogo, botas mágicas e a força do amor entre as pessoas.

A FADA PLUMINHA
pág. 25

Quando a gente entra no mundo da fantasia, o melhor é não ficar duvidando de tudo e, sim, seguir o caminho que o coração indica. Se você encontra um pão quente, e se esse pão pede para você comê-lo, é bom fazer o que ele diz. Afinal, não é toda hora que a gente vê um pão que fala. Se uma macieira pedir para você colher suas maçãs, não faça muitas perguntas, balance logo os galhos dela. Mas esse mundo não tem lugar para a inveja, a preguiça ou a maldade. É isso que a Fada Pluminha mostra nesta história.

EDITORA
GLOBO

CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

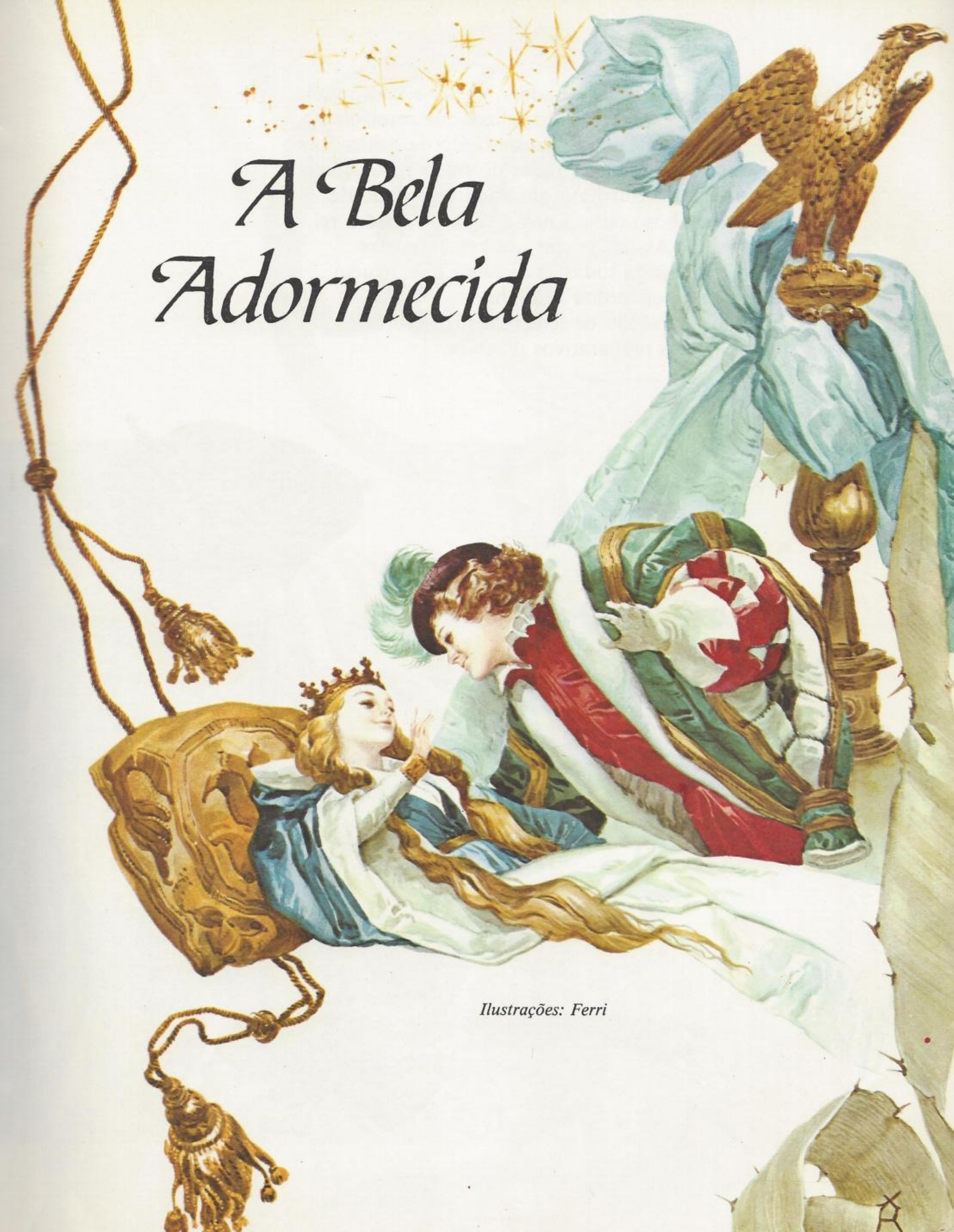
Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0910-5 (volume 3)

A Bela Adormecida



Ilustrações: Ferri

Depois de anos e anos de casados, um rei e uma rainha tiveram uma filha. Ficaram tão felizes que resolveram dar uma grande festa no dia do batizado da princesinha.

— Vamos convidar as sete fadas do reino para serem madrinhas dela, e pedir para que cada uma conceda um dom maravilhoso para a nossa filha — disse o rei.

— Isso mesmo! Assim, graças aos presentes das fadas, nossa filha terá todas as virtudes que alguém possa desejar — concordou a rainha.

O rei, então, convocou os seus ministros e ordenou que cuidassem dos preparativos da festa.

Quando terminou o batizado, o rei e a rainha deram um banquete para mais de cem pessoas.

As sete fadas lá estavam, cada qual com sua varinha mágica na mão. Ao chegarem perto da mesa, elas viram, na frente de cada prato, um conjunto de talheres de ouro maciço, cravejados de rubis e diamantes.

— É o nosso presente para as senhoras — informou o rei.

— Obrigada — disseram as sete.

Nesse momento, todos ouviram um estrondo no corredor e olharam, preocupados. Dali a pouco, viram entrar uma mulher de cara enrugada e vestido preto.

— Esquecemos de convidar a fada rabugenta — cochichou a rainha no ouvido do marido.

A rainha estava assustada porque a mulher de preto era meio fada boa, meio bruxa malvada.

— Pensei que ela tivesse morrido — disse o rei. — Faz cinqüenta anos que não aparece em lugar nenhum!

— Só que agora apareceu. O que vamos fazer?

Em vez de responder, o rei foi receber a velha.

— Mas que prazer em ver a senhora — disse ele, todo gentil. — Venha jantar com a gente, por favor.

O rei levou a mulher para a mesa e fez com que ela se sentasse do lado das fadas boas. A velha se mostrou contente com a gentileza. Mas, ao ver os presentes das outras, ficou brava e estrilou:

— E os meus talheres de ouro?

O rei coçou a barba, pensou um pouco e mentiu:

— Ahn... Não ficaram prontos, desculpe... Sabe, o ouro acabou. Por favor, aceite esse pote cheio de pedras preciosas no lugar dos talheres.

— Não esperavam que eu viesse, não é? — disse a fada.

A oferta do rei acalmou a fada-bruxa. Pelo menos, ela não reclamou de mais nada. E até conversou bastante. Assim, o banquete continuou em paz.

Depois que todo mundo terminou de comer, o rei e a rainha levaram as fadas para o quarto da menina. Estava na hora de cada uma delas dar um dom para a princesinha. A velha ficou para trás. A fada mais nova desconfiou e resolveu prestar muita atenção.

"Ela ainda vai aprontar alguma", pensou. "Vou me esconder atrás da cortina e deixar para dar o meu dom só no fim. Assim, posso remediar qualquer maldade que ela fizer para a princesa."

Dito e feito. A fadinha se escondeu e ficou ouvindo as colegas.

Uma das fadas se adiantou e sacudiu a varinha mágica:

— O dom que dou para esta menina — disse ela — é o da beleza. Ela terá o mais belo rosto de princesa, capaz de despertar a inveja das mais bonitas donzelas do reino.

A segunda fada balançou a varinha de condão e, solene, declarou:

— Como beleza sozinha nada vale, eu lhe dou inteligência e vontade de aprender sempre mais.

— O meu dom será a graça e a simpatia. Assim, todos vão gostar muito dela — revelou a terceira fada.

— Dou a esta menina a vocação para a dança — anunciou outra fada, agitando a varinha.

— Meu presente será uma garganta de ouro, para que ela cante como um rouxinol — disse a fada seguinte.

— E que ela toque qualquer instrumento com perfeição — completou a sexta fada.

Chegou a vez da fada rabugenta. De cara amarrada, ela sacudiu com raiva a sua varinha e resmungou:

— Meu dom para a princesa é... *a morte!*

Todo mundo se encolheu, assustado. O rei e a rainha imploraram para que ela retirasse o feitiço.

— A menina vai furar o dedo num fuso — continuou a fada má. — E vai morrer justamente quando estiver no esplendor dos dons que recebeu hoje.

Nessa hora, a fada mais nova saiu de trás da cortina.

— Bem que eu desconfiei que você tinha vindo aqui só para provocar desgraça — disse para a velha. — Mas eu vou remediar a maldade que você fez.

Uma fada, por mais poderosa que seja, nunca consegue desfazer o encantamento de outra fada. Quando muito, pode consertar o malfeito. Foi isso que a fadinha explicou para o rei e a rainha. Depois, agitou a vara mágica na frente da princesa e disse:

— Meu dom para esta menina é um sono de cem anos. Quando furar o dedo no fuso, ela vai dormir um século. Até um lindo príncipe acordá-la e se casar com ela.

O rei também tomou providências. Procurou evitar a desgraça mandando os criados anunciarem em todas as cidades:

— De hoje em diante, está proibido fiar no fuso. Quem desobedecer, vai para a forca.

Dezesseis anos se passaram e nunca mais ninguém usou o fuso de fiar nas cidades do reino.

Numa bela tarde, o rei e a rainha saíram com a princesa e uma multidão de fidalgos, criados e guardas, para passarem uns dias num castelo que tinham no campo.

Era um lugar bonito e sossegado, e eles gostavam de ir até lá, de vez em quando, para descansar.

Um dia, lá no campo mesmo,
a princesa resolveu conhecer
a torre mais alta do castelo.
Tremendo de medo dos ratos, ela
foi por uma escada estreita
e comprida, atravessou um
corredor empoeirado e subiu
mais alguns degraus. Por fim, chegou
numa sala, onde encontrou uma velha.

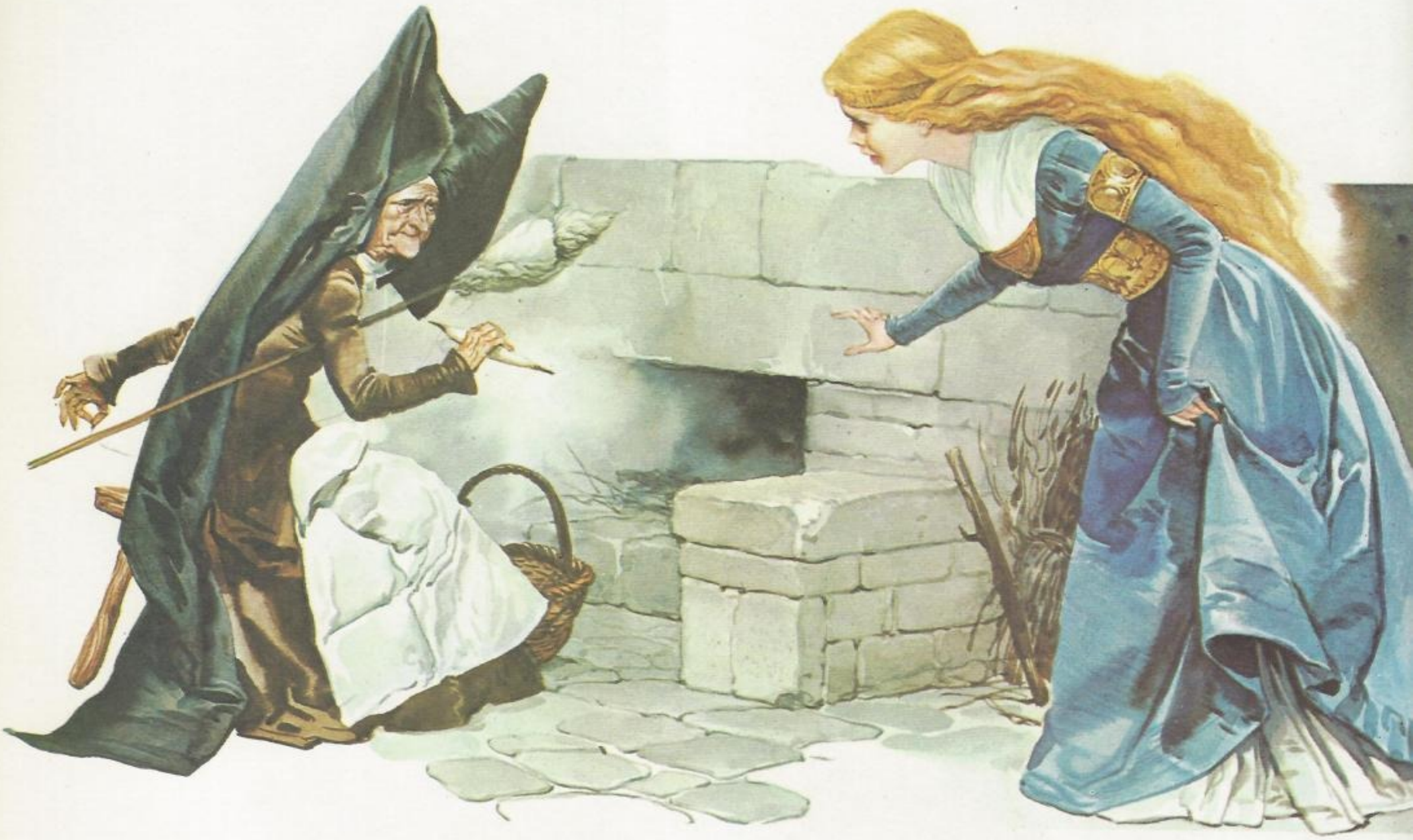
A velha era meio surda e morava lá no alto há muito tempo. Por isso, ela não sabia da proibição real e continuava a fiar no fuso.

— O que a senhora está fazendo? — perguntou a moça, sempre interessada em aprender mais coisas.

— Estou fazendo fio para tecer um pano — respondeu a velha. — Isso que estou segurando na mão é um fuso.

A princesa se abaixou um pouco para ver melhor. E ficou ainda mais curiosa pelo assunto.

— E como é que a gente faz para fiar? — perguntou.



— É fácil — disse a mulher. — Você amarra numa vareta um chumaço de algodão. Assim como eu fiz, está vendo? Depois puxa um pedaço, torce bem e enrola no fuso. Mas tem de tomar cuidado para não furar o dedo, porque a ponta do fuso é fina que nem agulha. Você entendeu?

— Mais ou menos... — respondeu a princesa.

— Olhe, eu vou mostrar como é — disse a velha, e fez uma pequena demonstração, bem devagar.

A princesa achou que tinha entendido bem e pediu licença para praticar um pouquinho. Pegou no fuso, toda animada, mas não chegou a enrolar nem uma volta de fio. Logo, picou o dedo e caiu.

A velha começou a gritar tanto que todo o pessoal do castelo escutou. Até o rei e a rainha ouviram, lá embaixo, no primeiro andar, e correram para a torre, junto com um ministro. Ao ver a filha daquele jeito, a rainha desatou a chorar e exclamou entre soluços:

— É a maldição da fada cruel. A nossa pobre menina agora vai dormir cem anos... E não podemos fazer nada...

— Ministro, mande colocar uma cama de ouro no maior dos quartos — disse o rei. — E chame o mensageiro.

O mensageiro era um anão que sempre acompanhava o rei. Ele tinha botas mágicas, daquelas que fazem uma pessoa dar passos maiores que um castelo inteiro.

— O senhor mandou me chamar? — perguntou ele.

— Sim. Ponha suas botas de sete léguas e dê um pulo no reino de Mataquim — respondeu o rei. — Diga para a fada de lá que eu preciso muito falar com ela.

O anão desceu a escada feito um rojão. Calçou as botas mágicas e foi embora, quase voando. Dali a pouco, estava no palácio da fada, lá no reino de Mataquim.

Assim que o anão deu o recado do rei, a fada agitou a varinha mágica. Na mesma hora, apareceu uma carruagem de fogo, puxada por dois dragões voadores. A fadinha subiu na carruagem e os dragões levantaram vôo. Num minuto, estavam no castelo.

O pessoal do castelo estava muito triste.
Todo mundo chorava sem parar, pois não havia quem não gostasse da princesa. Até a fada, que já estava acostumada a ver desgraças, deixou cair umas lágrimas. Mas logo enxugou os olhos e foi procurar o rei e a rainha. Encontrou os dois no quarto maior do castelo, ajoelhados ao lado de uma cama de ouro, onde a princesa estava deitada sobre lençóis de cetim branco.

— Ela vai ficar aqui — disse o rei, já com os olhos vermelhos de tanto chorar pela filha.

— Pobrezinha... — suspirou a rainha, inconformada. — Como ela vai se sentir quando acordar, daqui a cem anos, e não encontrar por perto nenhum conhecido?

— Não se preocupe com isso, Majestade — disse a fada. — Ela vai encontrar muita gente conhecida.

Nem bem acabou de falar, a fada balançou a varinha em todas as direções. E, em cada lugar do castelo, guardas, criados, ministros e damas caíram num sono profundo. Até os cachorros e os cavalos adormeceram.

— Todo mundo vai dormir cem anos — explicou a fada.

— Nós também? — quis saber a rainha, animada com a idéia.

— Infelizmente, não, Majestade — respondeu a fada.

— Então iremos embora daqui — decidiu a rainha.

Chorando muito, a rainha e o rei se despediram da filha e saíram junto com a fada.

Assim que eles chegaram lá fora, a fada sacudiu a varinha de novo para lá e para cá. Foi o quanto bastou para que espinheiros muito altos aparecessem.

Num instante, os espinheiros se trançaram uns com os outros e formaram um bosque fechado em volta do castelo.

— Assim, ninguém vai poder entrar aqui para perturbar o sono da Bela Adormecida — explicou a fadinha.

Em seguida, subiu na carruagem de fogo e foi embora para o reino de Mataquim. O rei e a rainha ainda ficaram olhando para o castelo e depois partiram também.

Com o passar do tempo, o bosque
de espinheiros cresceu tanto
que só deixava ver as torres
mais altas do castelo, e
mesmo assim bem de longe.

Uma porção de histórias
começou a correr de boca em
boca. Uns diziam que o castelo
era mal-assombrado. Outros
afirmavam que lá vivia
um monstro que roubava
crianças da aldeia.
Alguns juravam que um bando
de diabinhos morava no castelo.

Ninguém chegava perto dos
espinheiros. E o pessoal do
castelo dormiu em paz durante
cem anos.

Um dia, um príncipe ia passando pela estrada e viu as torres do castelo. Então, parou e perguntou para um velho sábio, que conhecia toda a história:

— É aquele o castelo abandonado de que tanto se fala?

— É, sim — respondeu o velhinho. — Mas não está abandonado, não, senhor. Tem muita gente lá dentro...

E o sábio contou a história da maldição da fada malvada e dos cem anos de sono da Bela Adormecida.

O príncipe ouviu a história com a maior atenção.
Depois, pensou um pouco e tomou uma decisão:

— Vou ver se isso tudo é verdade!

E foi embora. Quando chegou perto do bosque, desceu do cavalo e ficou olhando, sem saber como é que ia fazer para abrir caminho. Então, de repente, ergueu os olhos, viu o castelo e se animou.

Depois de muito andar por aquele bosque de espinhos, o moço chegou na parte da frente do castelo.
E teve outra surpresa: as portas se abriram sozinhas para ele entrar. Cada vez mais intrigado com tudo aquilo, o príncipe foi andando por corredores, salas e quartos. Uma porção de gente e de bichos dormia tranqüilamente. Por fim, ele chegou no maior quarto do castelo. Viu, então, a Bela Adormecida na cama de ouro.

— O sábio disse a verdade! — exclamou. — O castelo não está abandonado. E a princesa é linda... Se ela estivesse viva, eu me casaria com ela!

O moço caminhou para perto da cama. Mas, antes que chegasse lá, a princesa abriu os olhos e perguntou:

— É você, meu príncipe? Por que demorou tanto tempo para vir me acordar?

— Vo... você me co... conhece? — gaguejou ele.

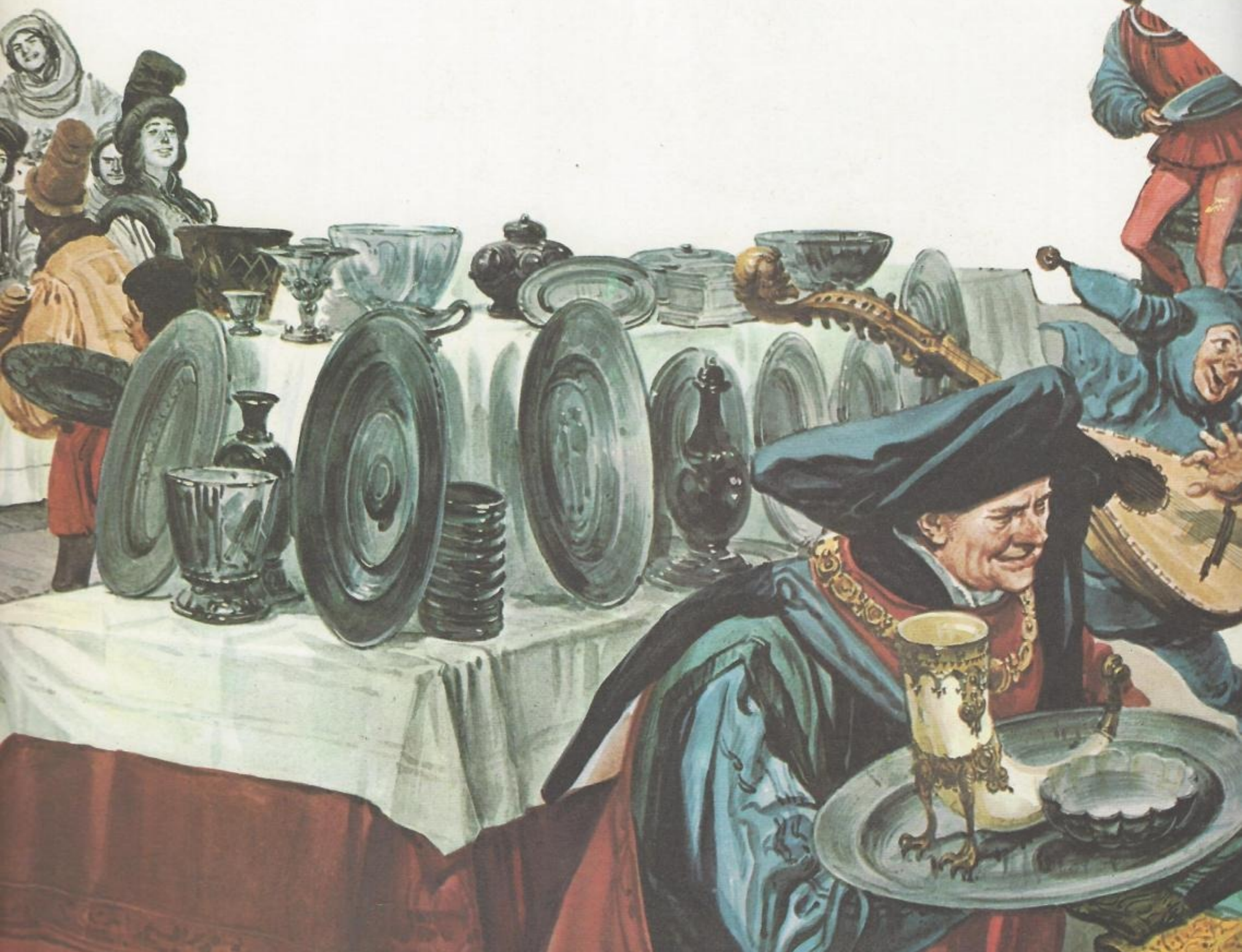
— Claro!... — respondeu a moça, levantando-se da cama e estendendo a mão para o príncipe. — Faz cem anos que eu sonho com você, noite e dia.

Assim que a princesa abriu os olhos, o bosque de espinheiros desapareceu. As pessoas e os animais que estavam dormindo acordaram. E a primeira coisa que quiseram foi comer, porque estavam com uma fome de cem anos. Por sorte, a fada tinha encantado também a comida que havia no castelo, de modo que nada se estragou. O pessoal só precisou assar carne, cozinhar batatas e preparar algumas tortas e alguns bolos para logo colocar na mesa um verdadeiro banquete.

— Vou chamar a princesa — disse uma dama. — A coitadinha também deve estar morrendo de fome.

A dama foi para o quarto da moça, mas encontrou-a já no corredor, de braço dado com o príncipe.

— Senti o cheiro da comida — explicou a princesa. — E vim almoçar com o meu noivo.



Uma semana depois, a princesa
e o príncipe se casaram, numa
festa maravilhosa que até hoje
todo mundo comenta. E ficaram
morando naquele mesmo castelo,
onde tiveram muitos filhos e
foram felizes para sempre.

A fada Pluminha

Ilustração: Ferri

A viúva Matilde tinha duas filhas, uma feia e preguiçosa, a outra bonita e trabalhadora. Todos os cuidados da mãe eram dedicados à menina preguiçosa, porque ela era sua filha verdadeira. A outra, embora fosse boa e esforçada, só recebia maus-tratos, já que era sua enteada.

A menina era tão
linda que um príncipe,
que nada tinha a ver
com esta história,
apaixonou-se por ela.
E ficou esperando uma
chance de entrar na
história e conhecê-la.

A filha mais velha, a malvada, se chamava Clotilde. A mãe fazia todas as suas vontades e caprichos. A mais bela se chamava Florença e
dava conta de todo o serviço pesado da casa, agüentando sermões e sendo maltratada, sem poder abrir a boca para reclamar.

O príncipe, aquele que nem deveria estar nesta história, se encantou com o nome:

— Florença... — suspirou ele. — Que lindo nome, me lembra uma flor.

Enquanto Clotilde brincava com as amigas, a pobre irmã trabalhava dentro de casa a semana inteira.

Aos domingos, para se distrair, Florença sentava-se à beira da fonte para fiar. Um dia, estava tão cansada que adormeceu e deixou cair o fuso dentro da água.

— Que desastre! — ela pensou. — Como é que vou voltar para casa sem o fuso? Minha madrasta vai me moer de pancada!

Quando Florença voltou, a madrasta começou a gritar, furiosa, e ordenou:

— Volte à fonte e pegue o fuso! E não me apareça aqui sem ele!

— Mas a fonte é muito funda! Como é que eu vou fazer? — perguntou a menina.

O príncipe, que teimava em continuar acompanhando a história, logo gritou:

— Deixa comigo! Eu mergulho na fonte e num minuto trago o fuso de volta!

Só que como ele ainda não fazia parte da história ninguém o escutou. E depois, pescar fusos, anéis e outros objetos é trabalho para o Pescador dos Mares, e não para príncipes xeretas...

Florença chamou o Pescador, mas ele não ouviu. Ela ainda tentou encontrá-lo, mas de repente escorregou e acabou caindo na fonte.

Assim que caiu na água,
Florença desmaiou de frio.
Quando despertou, estava num jardim maravilhoso, cheio de flores coloridas.

O príncipe, que queria mesmo entrar na história, achou que o lugar parecia o paraíso. A menina, admirada, olhou o jardim e disse:

— Que flores lindas... Vou colher algumas e fazer um lindo ramalhete.

O príncipe gritou:

— Cuidado com as cobras!

Florença não o ouviu, pois ainda não era a hora de ele entrar na história. Além disso, não havia cobras no jardim, que pertencia à Fada Pluminha.

A menina começou a caminhar. Chegou perto de um forno e escutou um pão falar, lá de dentro:

— Florença, por favor, me tire daqui e me coma! Se eu ficar neste calor mais um minuto vou virar carvão!

— Claro, pão. Já vou tirá-lo.

Assim que comeu o pão, a jovem ouviu uma macieira dizer:

— Por favor, colha as minhas maçãs. A árvore está muito pesada e as frutas vão apodrecer aqui em cima sem serventia para ninguém.

— Pois não — disse Florença. E, agarrando o tronco da macieira, sacudiu-o com força. Caíram muitas maçãs. A menina comeu algumas e deu outras para os bichinhos. Depois, continuou caminhando e logo chegou a uma casinha de pedra, de onde uma velhinha espiava pela janela.

Mais uma vez, o príncipe gritou:

— Cuidado! Pode ser uma bruxa!

Mas o príncipe estava julgando
apenas pelas aparências.
A velhinha da janela era
a boa Fada Pluminha.

— Nossa, ela envelheceu! —
disse o príncipe intrometido.

É, também as fadas ficam
velhas... Ela nem podia mais
arrumar a casa. E, o que é
mais grave, não conseguia
sacudir os travesseiros.

O príncipe ficou surpreso,
pois não sabia que sacudir
travesseiros era
tão importante.

Mas é muito importante, sim.
Quando a Fada Pluminha
vai à janela, à tardinha,
e sacode os travesseiros,
as plumas que saem se
transformam em neve,
e caem bem de levinho.

A boa fada convidou
Florença para entrar
na casa. A menina aceitou
e logo começou a fazer
todo o serviço, contente
por ajudar a velhinha.

Durante o inverno,
Florença abria os
travesseiros e os sacudia
na janela, fazendo nevar
sobre o mundo.

O tempo foi passando e a fada nem precisava mais explicar o trabalho da casa para a menina. Todas as noites, Pluminha contava histórias incríveis a Florença. Mas um dia, quando chegou a primavera, a menina disse:

— Fada Pluminha, não pense que eu não gosto da senhora, mas ainda tenho saudades de casa, mesmo que a minha madrasta seja má comigo.

— Eu entendo — respondeu a fada. — Pode ir quando quiser. Mas antes veja o que eu achei no sótão...

— O meu fuso! — exclamou Florença.

O príncipe, que tinha conseguido ficar um bom tempo sem dar palpites, foi logo falando:

— Eu não disse que não dava para confiar naquela velha? Foi ela quem roubou o fuso de Florença.

Mas não era nada disso. Pluminha tinha poderes mágicos. Talvez até tenha sido ela quem ensinou o Pescador dos Mares a encontrar o fuso. A boa fada despediu-se:

— Adeus, Florença. Vou sentir saudade. Boa sorte!

A jovem foi embora. Mas, ao atravessar os portões, sua roupa ficou pesada: seu vestido tinha virado ouro puro!

Aquele era um presente de Pluminha
para a bondosa e gentil Florença.
A menina olhou para a fada com gratidão
e partiu. Quando a viu aparecer
na curva da estrada, o galo da
madrasta começou a cantar:

— Bem-vinda, Florença. Você está
mais bonita que uma princesa!

A viúva e a filha foram olhar.
Imaginem a surpresa e a raiva
das duas ao verem Florença tão
elegante com aquela roupa.

A madrasta foi logo perguntando:

— Mas onde é que você arranjou este vestido? Aposto que roubou!

A filha Clotilde quis saber:

— Quem te deu? Fale! Pode contar tudo!

O príncipe, ainda fora da história, torcia para que Florença nada dissesse. Mas a menina tinha bom coração e contou tudo. Clotilde, que além de preguiçosa era invejosa, disse que também ia ajudar a Fada Pluminha, para ganhar um vestido ainda mais bonito. E foi correndo jogar o fuso na água.

— Vou fingir que caio na água — pensou Clotilde.

— Opa, opa... Socorro! Estou me afogando!

Até o príncipe se divertiu com o barulhão feito pela menina. Quando ela acordou, estava no lindo jardim florido da Fada Pluminha. Logo adiante, passou perto do forno.

— Por favor, Clotilde — pediu o pão. — Me tire do fogo! Eu vou virar carvão!

— Você está louco! Posso me queimar — ela disse.

Mais à frente, passou perto da macieira.

— Ai, essas maçãs pesam tanto... — reclamou a árvore. — Por favor, colha as frutas...

— Você está louca! E se uma das maçãs cair na minha cabeça? — respondeu Clotilde.

E foi embora. Pouco depois estava na porta da casa de Pluminha e se ofereceu para morar com ela. Mas desta vez tudo correu diferente. Além de desleixada e chata, Clotilde não conseguia fazer nada direito. Cansava-se à toa, vivia fazendo beicinho e reclamando pelos cantos.

Durante todo o tempo em que ela ficou na casa da fada não nevou uma só vez no mundo. Quando chegou o inverno, Pluminha pediu para a menina sacudir os travesseiros na janela, para que as plumas virassem neve. E a preguiçosa respondeu:

— Eu não tenho tanta força assim. E, depois, não gosto nem um pouco de neve.

A fada não estava agüentando os maus modos de Clotilde, até que um dia...

— Ouça, Clotilde, eu... — começou a fada.

— Não me diga que é mais serviço, Fada Pluminha — respondeu a malcriada.

— Queria apenas mandá-la de volta à sua casa — explicou Pluminha.

A menina ficou radiante, pensando que, enfim, tinha chegado a hora de ela ganhar seu presente. A fada guiou a garota até o jardim florido e explicou o caminho para ela. A menina atravessou os portões sem ao menos se despedir. E teve uma surpresa. Em vez de transformar-se em ouro, seu vestido ficou coberto de piche. Quem se divertiu foi o príncipe, que não queria mais sair desta história.

Na verdade, era uma chuva de piche que não parava de cair em cima da menina, que saiu correndo.
O galo da madrasta estava em cima de um galho na curva do caminho, e cantou assim que viu Clotilde toda lambuzada:

— Cocoricó! Lá vem aquela garota preguiçosa, coberta de piche da cabeça aos pés.

O príncipe riu bastante daquela cena. Mas, de repente, ficou sério e disse que queria participar da história de uma vez, para pedir a mão de Florença. E de tanto insistir ele venceu. Entrou na história e logo pediu a mão da bela garota. Algum tempo depois, eles se casaram, deram uma bela festa e viveram felizes para sempre.

Quanto a Clotilde, depois de ter passado tanta vergonha, se trancou em casa e só saiu de lá depois de aprender a viver bem com todas as pessoas.